

Édipo – do Genital ao Existencial

A minha pretensão, como das outras vezes, é aproveitar essas páginas para elaborar dúvidas e testar suspeitas sobre algum assunto coberto neste semestre.

Falaremos do Complexo de Édipo. Mais especificamente, tentarei elaborar a noção de que o desenvolvimento deste tema por outros autores (que não Freud) suavizou a abordagem sexual/determinista e aproximou a psicanálise de um olhar existencial/filosófico.

Para tanto, usarei as seguintes referências: (i) “Introdução ao Estudo das Perversões” de Hugo Bleichmar; (ii) “Édipo” de J. D. Nasio; (iii) “A Negação da Morte” de Ernest Becker; (iv) “O Dissolução do Complexo de Édipo” de Freud; e (v) “Três Ensaio sobre Sexualidade” também de Freud.

Partirei da crítica à teoria freudiana para então endereçar o tema de modo mais amplo, tentando encontrar modos de acolher tais críticas e integrá-las à tese original. Vamos lá.

Ernest Becker, recorrendo aos escritos de Norman O. Brown, diz que a intuição de Freud estava certa, mas o foco estava errado.

Segundo o autor, Freud enxergava o complexo de Édipo como central na dinâmica psíquica de uma pessoa. Em sua visão, o menino teria um desejo sexual e até vontade de possuir a sua mãe. Ao mesmo tempo, ele já compreendia o pai como um competidor e era exatamente por entender seu estado hipossuficiente perante o pai-todo-poderoso que o menino controlava seus impulsos agressivos de eliminar o rival. Controlava-os sob pena de ser vítima da castração, de perder o pênis. Afinal, conforme indicam os textos de Freud, a visão da mãe e das meninas sem pênis trazia a constante ameaça da perda de seu precioso membro.

Em seguida, o autor faz uma consideração geral a respeito da visão freudiana sobre o homem que, apesar de ter sido reformulada algumas vezes, sempre se

manteve muito próxima a aspectos corporais, a elementos orais, anais e genitais. Freud intuía que havia algo sobre esses elementos que pesava sobre a psique de seus pacientes.

O pai da psicanálise, inclusive, desconfiava que esse peso remontava aos nossos ancestrais, aos povos primevos, a alguma culpa por uma cena incestuosa e um crime de parricídio que havia se entranhado nos corpos e nas mentes humanas até a modernidade.

Um parênteses a esse respeito: essa percepção do autor americano é condizente com “Totem e Tabu” e também com o caso “O Homem dos Lobos” - no qual Freud fica obcecado com uma cena primeva e força o paciente a reconhecer algo que ele possivelmente não tenha experienciado.

Becker continua o texto dizendo que a intuição estava certa. Há algo muito profundo sobre a corporalidade, só que não seria o horror ao incesto e ao parricídio, mas um horror à condição humana, à condição de animal. Ao dizer “condição animal”, o foco não é o instinto ou as pulsões, mas a finitude, a constante deterioração, a insuperável vulnerabilidade diante de um mundo ameaçador. Uma condição que ele não consegue aceitar, especialmente enquanto criança.

Segundo Becker, graças às contribuições de Otto Rank e Norman O. Brown, a relevância da infância, sempre enfatizada pela psicanálise, pôde finalmente ser compreendida. Para esses autores, não se trata de uma questão estritamente sexual e de competição com o pai. Trata-se da principal questão existencial a ser enfrentada por uma criança – se ele será um objeto passivo do destino, um apêndice a outros, ou se ele será um centro ativo em si mesmo, se ele terá controle sobre a sua própria vida.

“O projeto edipiano não é, como insinuam as primeiras formulações de Freud, um amor natural pela mãe mas, como reconhecem seus trabalhos posteriores, um produto do conflito de ambivalência e uma tentativa de superar esse conflito por meio da pomposidade narcísica. A essência do complexo edipiano é o projeto de se tornar

Deus – na fórmula de Spinoza, causa sui. (...) Como prova disso, ele exhibe claramente o narcisismo infantil pervertido pela fuga à morte.” (BROWN, Norman)

E se o principal desejo da criança é evitar a hipossuficiência e a obliteração, então a sexualidade seria secundária.

“Assim, mais uma vez, parece que as organizações sexuais, pré-genital e genital, não correspondem à distribuição natural do Eros no corpo humano: representam uma hipercatexia, uma supercarga, de determinadas funções e zonas do corpo, uma hipercatexia induzida pelas fantasias do narcisismo humano fugindo da morte.”

O trecho acima, também de Norman O. Brown, defende que a interpretação psicanalítica que foca na pulsão sexual infantil (seja na fase pré-genital ou genital) e que entende o desejo pela mãe como um desejo de possuí-la está deixando de enxergar a força motriz por trás dessas manifestações. Como Becker explica ao longo de seu livro, há sim um desejo, afinal, a mãe é fonte de prazer e há também ambiguidade, conforme aponta Freud. No entanto, a ambiguidade não se dá pelo medo de ser punido pelo pai-competidor e assim perder o pênis, mas por uma tentativa de fugir da morte. Ao passo que a mãe é fonte de prazer, ela também é constante lembrança de sua própria vulnerabilidade.

E a explicação para essa associação entre Édipo e a fuga da morte, da impotência e da passividade está exatamente na identificação com o pai, mais do que isso, na tentativa de se tornar o pai – o criador e mantenedor da vida, de ascender de um ser indefeso, sujeito aos outros, a um ser todo-poderoso, protegido das intempéries.

A ambiguidade estaria então em gostar de todo prazer e satisfação que a mãe proporciona, mas, ao mesmo tempo não querer ser dependente, passivo e vulnerável. Por isso, a identificação com o pai serve a um propósito mais importante – de se tornar poderoso, controlador da própria vida.

Outro parênteses – essa visão também dá um outro acento ao narcisismo, um auto-envolvimento, uma alocação de libido ensimesmada com o objetivo de superar as ameaças do mundo, de ganhar controle sobre si.

Todo enfoque que Becker dá a psicologia passa por uma busca por autonomia, uma tentativa de fugir da fragilidade da condição humana. Na fase oral, a criança quer engolir o mundo, se sente onipotente sem ainda ter uma clara distinção entre si e mundo. Na fase anal, a criança começa a voltar a sua atenção a si mesmo, seu corpo entra em seu campo fenomênico. Essa descoberta de si como um indivíduo leva a uma tentativa de controle. Não à toa, a fase anal é marcada por um apego, por uma dificuldade em deixar as coisas seguirem seu processo, se deteriorarem. Nesse sentido, o projeto narcísico vira uma busca por domínio de si e autossuficiência. Uma lida com o mundo que serve ao seu próprio engrandecimento, uma tentativa de obter a autonomia necessária. É por esse motivo que Brown e Rank sustentavam que o projeto edípico é autogerado, oriundo da própria criança, independente do comportamento dos pais. Um projeto de autocriação, usando o corpo como base de operações. No entanto, em linha com a Freud, uma ambição que fracassa diante da “castração” (também entendida por Becker de outra forma que não a genital). Fracassa, pois evidentemente a criança (que responder adequadamente às ameaças da vida) entenderá sua falibilidade, sua condição humana (o que está mais em linha com os três tempos de Édipo segundo Lacan – como veremos adiante).

O horror à castração, à ausência de pênis, serve como ponto focal, como uma maneira de a criança se afastar da mãe, buscando certa independência. Trata-se de um bode expiatório para um horror existencial. Por isso, a criança se fixa na diferença genital - uma maneira de repudiar a mãe.

A segunda explicação que Becker fornece diz respeito à fisicalidade da mãe – que é muito mais presente que a do pai. Sua corporalidade é mais marcada, tanto pelo fato de que ela o alimentou com leite do próprio peito, quanto pelo fato de menstruar ciclicamente. O pai, em comparação, teria um aspecto mais simbólico, menos físico, menos preso à natureza. Se ver dependente de um ser preso à corporalidade seria angustiante. Aí estaria a explicação pela preferência do menino pela masculinidade e a inveja que a menina sente do pênis. Os dois sucumbem ao desejo de se verem libertos da fragilidade corporal, libertos de um

laço tão próximo à natureza. O pai, por outro lado, parece menos imerso em um determinismo corporal. Exatamente por isso, eles o enxergam como livre, simbolicamente livre, representando o mundo social, o domínio da cultura sobre a natureza – a fuga que a criança tanto almeja.

Resumindo, Brown e (posteriormente) Becker parecem acusar Freud de não ter compreendido que a sexualidade, o interesse genital, era o conteúdo manifesto, sendo que havia um conteúdo latente que passou despercebido. Sendo esse conteúdo latente a angústia perante a vulnerabilidade e, em última instância, perante a morte.

Passemos então aos textos de Freud para ver quão estrita ou abrangente é a noção sobre sexualidade. Se o modo como ele apresenta a sexualidade dá a ela uma conotação mais ampla do que parece ser na superfície.

Se recorrermos a “Três Ensaio sobre Sexualidade”, veremos a relevância do tema de modo bem expresso no parágrafo abaixo:

“Devo primeiramente esclarecer, repetindo o que já disse em outras publicações, que essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se em forças pulsionais de cunho sexual. Não quero dizer com isso apenas que a energia da pulsão sexual faz uma contribuição para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), e sim asseverar expressamente que essa contribuição é a única fonte energética constante da neurose e a mais importante de todas, de tal sorte que a vida sexual das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas.”

Freud fala em pulsões que, conforme explicado nesse mesmo texto, se distinguem entre si por suas fontes somáticas e seus alvos, sendo que a “*fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico.*”

Na aula que tivemos no semestre passado, o conceito de pulsão já apareceu um pouco mais ampliado – seria uma matriz energética que coloca em movimento o aparelho psíquico; o representante psíquico de uma fonte de estimulação, sendo que essa fonte estaria entre o somático e o psíquico. Então não exatamente corporal.

Nessa aula, também vimos que psicosexualidade seria toda e qualquer experiência satisfatória e que onde existe investimento libidinal, existe psicosexualidade. Libido seria sinônimo de investimento e psicosexualidade estaria atrelada a essa alocação de energia.

Há, entre o conteúdo que recebemos em aula e o texto de 1905 de Freud, uma grande mudança que parece tirar o peso e a relevância de uma sexualidade estrita.

No entanto, mesmo que peguemos um texto tardio de Freud, como “A Dissolução do Complexo de Édipo”, escrito em 1924, veremos que o enfoque ainda é sexual. Não psicosexual no sentido mais amplo, mas genital.

Ao invés de tratar da castração como mais simbólica, Freud fala do medo da castração como real, como um medo da perda do pênis. Segundo o autor, esse receio só se concretiza na criança quando ele entende que mulheres não possuem pênis e presume que elas foram castradas. A partir desse momento, as ameaças que recebe dos pais (ao manipular o próprio pênis) passam a aterrorizá-lo.

Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo. (...) Descrevi noutra parte como esse afastamento se realiza. As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a

severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal.”

Dá para entender que o pênis não é apenas um órgão para o menino e que ele simboliza algo – potência. Isso explicaria a inveja que a menina (alegradamente) sente ao perceber a diferença fisiológica. Essa interpretação nos coloca mais próximos a uma diferenciação entre instinto e pulsão e sexualidade e psicosexualidade, afinal, estamos falando de representações psíquicas.

Também daria para interpretar a catexia do objeto parental (o desejo sexual pela mãe) como uma tentativa de fusão e regresso à “beatitude intrauterina”, nas palavras de J.-D. Nasio. Essa ideia aponta para uma angústia existencial, uma maneira de tentar aplacar um sofrimento por estar vivo – se fundindo com a mãe.

Ainda que que compreendamos os textos (que tivemos até agora) dessa maneira, a visão permanece hobbesiana, entendendo a ambiguidade existencial como o conflito entre os desejos (inconscientes) e o pacto civilizatório que o menino incorporou em sua saída ao complexo de Édipo. Ou seja, por mais que já não seja um olhar estritamente sexual e instintivo, ele continua distante da interpretação fornecida por Becker.

O que não tira em nenhum grau a genialidade das suas descobertas. Uma vez que as bases de um fenômeno foram estabelecidas, é fácil olhar para trás e apontar as falhas.

Se essas bases estivessem erradas, se a intuição por trás dessas teorias não tivesse fundamento, autores posteriores não teriam dado sequência à psicanálise. O fato de Lacan trabalhar o complexo de Édipo de uma maneira mais intersubjetiva e existencial comprova a potência dessas descobertas (como veremos adiante).

Nesse sentido, os capítulos que lemos de Bleichmar ajudam nessa tentativa de integrar às críticas à teoria freudiana.

O autor começa fazendo um apontamento sobre um determinismo da teoria freudiana (inicial) sobre Édipo – indicando que ela seria mais interacionista do que intersubjetivista – o que significa que, na concepção do pai da psicanálise, os atores já teriam uma composição e interagiriam a partir de suas propriedades. Sendo que no enfoque intersubjetivo, não preexistem entidades, mas elas se constituem como tais na própria relação.

Segundo Bleichmar, o menino é visto como influenciado por seus impulsos, por sua sexualidade, e é esse algo pré-estabelecido que determina sua relação com os pais. A essa concepção edipiana, o exemplo do ímã que adentra o campo magnético é muito ilustrativo. O ímã já tem suas propriedades independente do campo magnético. Ele se relaciona com o campo a partir de uma constituição já dada. Como contraposição a essa visão determinista, Bleichmar traz a imagem do pedaço de ferro que interage com um campo magnético e, a partir dessa interação, adquire características de ímã. Uma vez fora do campo, ele se comportará como ímã. O autor afirma que Freud, ao longo de seus trabalhos, foi migrando de uma visão determinista (as propriedades pré-estabelecidas definem o ente) para uma visão que dá primazia à interação, sendo que a sexualidade não é definida e estruturada a priori, mas se constitui no campo.

Em “A Psicologia dos Grupos e a Análise do Ego”, a identidade sexual já não se dá por dada, é algo mais complexo, que se constrói, algo que não necessariamente segue a biologia.

Nesse texto (segundo Bleichmar), ele traz a noção de identificação como saída do ego – o que seria a base do superego. Ou seja, não apenas é um período de formação do inconsciente e do início da repressão, é também formador da personalidade, do sujeito, do superego. Por isso, não dá para dizer que há um sujeito que preexista em relação aos pais. Nessa visão de Édipo, já não se trata de seguir o impulso preexistente.

Estávamos tratando da amplitude e do sentido da sexualidade em Freud e agora parece que divergimos para a questão sobre determinismo versus intersubjetividade. Apesar de parecem assuntos desprovidos de intersecção, acho que há elemento de base em ambos que aponta para a nossa investigação inicial.

O caminho que Freud percorre, do determinismo à noção de que a personalidade se compõe na interação (na situação edipiana), nos leva a uma complexificação e abrangência da noção de sexualidade. Se a sexualidade não está predeterminada, se ela se forma no campo relacional, então ela se afasta do instintivo e se aproxima das representações psíquicas. E seria essa abrangência da noção de sexualidade que nos permitiria usá-la como microcosmo das questões existenciais. Não necessariamente geradoras das questões existenciais, mas uma manifestação que nos permite compreender o que está por trás, o que é ontológico. Entendo que esse último passo já não se encontra em Freud, mas, ainda assim, a minha tentativa era fazer uma ponte com base no que eu consegui estudar até agora.

Claro, seria forçar a barra dizer que Freud, ao final de sua vida, virou um existencialista, negando qualquer condição a priori da condição humana e defendendo uma nulidade estrutural. A própria noção de inconsciente, como um receptáculo, atenta contra essa visão.

No entanto, o fato de Lacan ter desenvolvido a sua teoria sobre Édipo, dando ênfase à transição do falo como algo que se é para algo que se tem, diz sobre os méritos do pai da psicanálise.

É a noção do terceiro tempo, como um amadurecimento, uma aceitação de que o falo está na cultura (não na criança ou no pai), passando então a ser simbólico – uma constelação de insígnias – que joga mais luz sobre o aspecto filosófico da condição humana. A compreensão lacaniana de falo como “significante de uma falta” nos afasta da questão sexual e nos aproxima de um âmbito mais existencial.

Sim, podemos argumentar que de algum modo essas bases estavam em Freud, que o encontro com o corpo sem pênis inaugura o princípio de realidade e fura a onipotência do menino, instaurando o medo da castração. Ou seja, esse é um modo de falar sobre a condição humana como incompleta, de dizer que a partir desse ponto, o menino passa a ser refém das pulsões como forma fantasiosa de tentar regressar a um estado onipotente e de plena satisfação.

Ainda assim, o enfoque sexual, a escolha por teorizar a partir de um desejo incestuoso e de uma fixação com o órgão genital talvez enfraqueça o olhar existencial mais amplo.

É preciso levar em consideração que o contexto moralista de sua época e a forte repressão cultural à sexualidade contribuíram para essa escolha. Além disso, parece que Freud partiu daquilo que ouvia em sua clínica para formar uma ideia sobre aparelho psíquico, para então tentar explicar o todo (sociedade). E talvez aí, na escolha desse caminho, ele tenha perdido de vista o poder do campo hermenêutico, perdido de vista a atração gravitacional do mundo enquanto sedimentação de costumes. Não à toa, ele explica a influência cultural através da identificação na saída do Édipo (e a conseqüente formação do superego). Que, convenhamos, não convence muito. No fundo, acho que é essa a crítica que Becker faz a Freud (apenas tentei escrevê-la de uma outra maneira). E, claro, é fácil criticar a partir de uma outra época, de um outro horizonte interpretativo.

Para voltar ao argumento anterior, por mais que aleguemos uma miopia inicial, a psicanálise se desenvolveu a partir de Freud e chegou sim a se aproximar dos insights filosóficos que surgiram nas primeiras décadas do Século XX. E aqui eu me refiro ao caráter esboroadado da existência, à constante sensação de falta e de incompletude que, por mais que tentemos abafá-la com uma normalização (“decadência” em Heidegger ou má-fé em Sartre), ela sempre acaba se anunciando, sempre acaba frustrando os esforços de tamponamento e auto-engano.

É isso. Espero que essa tentativa tenha feito algum sentido.